



O Presidente da Direção da ART, Filipe Cidade de Moura, fala sobre os desafios que os profissionais da área enfrentam em Portugal, antes de revelar as principais conclusões alcançadas na mais recente edição do Congresso Nacional ART.

## Radioterapeuta: uma profissão a valorizar

Fundada em 2006, a ART (anteriormente designada por Associação dos Técnicos de Radioterapia) é um organismo cuja essência remonta à necessidade, sentida por um conjunto de Radioterapeutas, de que os interesses da sua classe fossem devidamente representados. O desejo de ver estabelecida “uma dinâmica própria” revelou-se uma evidência há muito aguardada, comprovada pelo “processo gradual” com que esta entidade conseguiu cimentar uma importante ligação com um crescente número de associados, propagados de norte a sul do país.

Assumindo com particular importância, desde a sua génese, o imperativo de desenvolver eventos científicos que se consubstanciassem numa plataforma de diálogo e troca de experiências entre os profissionais desta e de outras classes médicas associadas à Radioterapia, a ART definiu ainda como objetivo elevar o estatuto, reconhecimento e padrão de qualidade do ensino desta especialidade, bem como da respetiva carreira profissional, numa lógica onde se engloba ainda uma postura de parceria e cumplicidade com outros organismos análogos a nível internacional e europeu.

O desenrolar das primeiras ações da Associação acabariam por coincidir com o período em que Filipe Cidade de Moura se encontrava a desenvolver investigação científica na Holanda, sendo, posteriormente, convidado a integrar o Comité de Radioterapeutas, inserido na So-

ciiedade Europeia de Radioterapia e Oncologia (ESTRO). Estas experiências, paralelamente ao seu valor curricular, proporcionaram ao Presidente de Direção da ART “uma visão diferente” sobre a profissão, permitindo-lhe inclusivamente “comparar a Radioterapia a nível internacional com a realidade portuguesa”.

Com o objetivo *major* de importar para o nosso país inovadoras e diferentes perspetivas sobre a área, foi com renovado dinamismo que o nosso interlocutor organizou, com a anterior direção, um grupo de associados que assumiriam, em 2013, a liderança do organismo. Esta “foi uma luta para voltar a envolver os profissionais”, na tentativa de que estes “aderissem, partilhassem e discutissem métodos de trabalho, nomeadamente nos nossos Congressos Nacionais”, recorda o Especialista.

### Desafios em Portugal

Falar em Radioterapia é aludir à intervenção de cariz transdisciplinar, assente no planeamento e execução de opções terapêuticas, baseadas na utilização de radiação ionizante. Pela sua natureza e, mais particularmente, atendendo à especificidade de conhecimentos técnicos e científicos exigíveis à sua classe profissional – nomeadamente nos domínios da Oncologia, Psicologia, Física, Radiobiologia e Biotecnologia –, não constituirá surpresa que a formação e o ensino

correspondam a uma das principais preocupações assumidas pela atual direção da ART.

Sublinhando que, até ao ano de 2014, “a nossa formação era considerada uma das melhores da Europa” e que os recém-licenciados eram confrontados com muito positivas hipóteses de empregabilidade além-fronteiras – devido à elevada especialização dos cursos nacionais – a atual direção da ART mostra-se particularmente crítica e preocupada com o modo como as licenciaturas de Radioterapia, Medicina Nuclear e Radiologia foram agregadas num só programa de primeiro ciclo do ensino superior. Não subestimando o potencial de sinergia entre as três áreas, que partilham importantes elementos, o organismo contesta o menor grau de especialização com que os futuros profissionais serão lançados num mercado de trabalho muito específico e pouco interessado em técnicos de cariz generalista.

Ainda nesse âmbito, Filipe Cidade de Moura refere outro condicionalismo sentido pelos Radioterapeutas nacionais: “em Portugal, não existe grande possibilidade de os profissionais fazerem formação enquanto exercem a sua atividade nos hospitais”, lamenta o responsável, antes de sublinhar a ausência “de condições ou incentivos favoráveis” para o desenvolvimento de competências específicas e avançadas na área da Radioncologia.

### O Radioterapeuta e a sociedade

O modo como o desempenho dos profissionais desta área é encarado pela sociedade civil é outra importante temática para a ART. Lembrando que o Radioterapeuta estabelece estreita proximidade com o doente oncológico, Filipe Cidade de Moura destaca como imperativo nas suas funções (para nomear algumas): a dosimetria, a administração e controlo de qualidade do tratamento, a braquiterapia, e a gestão de efeitos secundários, onde se afigura de relevante importância que os Radioterapeutas possam garantir uma prática segura, autónoma e responsável, acompanhada pela investigação e desenvolvimento profissional contínuo, tão relevantes na área da Radioncologia.



Perante um cenário em que se prevê que aproximadamente um terço da população portuguesa contrairá uma patologia oncológica até ao final da sua vida, e que cerca de 50% destes doentes necessitará de Radioterapia em alguma fase da sua doença, o nosso entrevistado acredita que “cada vez mais, serão necessários profissionais capazes de acompanhar o desenvolvimento tecnológico e proporcionar a melhor resposta possível”, constatando que o papel do Radioterapeuta Português tem sido, paulatinamente, reconhecido pela sociedade civil e associações de doentes, bem como outros organismos científicos e profissionais, de âmbito nacional e internacional.

Neste contexto, uma reivindicação que, efetivamente, promete continuar a marcar a atuação da ART é o reforço do contacto (e de uma nova abordagem para) com o doente. “Somos nós que preparamos o doente e administramos o seu tratamento, mas a outra parte do acompanhamento – quer pré, durante e pós tratamento (follow up) – merece igual destaque, constata o Presidente da Direção, advogando que “o estreitar de relações com profissionais de vários setores da saúde permitiria um melhor acompanhamento inicial (pré Radioterapia), controlo atempado de efeitos secundários, e uma mais célere recuperação do utente a curto, médio e longo prazo, numa política de proximidade com as populações”.

Neste sentido, a ART iniciou uma primeira ronda protocolar com Associações de doentes oncológicos Nacionais, tendo celebrado protocolo com a Associação Oncológica do Alentejo, na mais recente edição do Congresso Nacional ART. Outras associações manifes-

taram particular interesse em colaborar com a ART para a consciencialização e desmistificação do cancro na sociedade e, em particular, ao doente oncológico, suas famílias e cuidadores, caracterizando-se por uma abordagem holística centrada no saber cuidar, valorizando a individualidade de cada Doente, respeitando as suas crenças, vontades e necessidades, pela igualdade de direitos e valorização pessoal.

É ainda de salientar que, no que concerne ao doente e aos seus direitos, mais um passo importante foi dado pela ART, tendo sido convidada pela Sociedade Europeia de Radioterapia e Oncologia (ESTRO) a colaborar no mais recente projeto económico, o HERO (*Health Economics in Radiation Oncology*), que tomou maiores proporções ao juntar vários stakeholders em sede de Parlamento Europeu, onde a ART esteve representada, na discussão pela Visão ESTRO, pelo acesso a uma Radioterapia de qualidade, de um modo mais justo e igualitário entre os países Europeus. Estima-se que um em cada quatro doentes em toda a Europa não recebem ou não têm acesso à Radioterapia protocolada.

“Every cancer patient in Europe will have access to state of the art radiation therapy, as part of a multidisciplinary approach where treatment is individualised for the specific patient’s cancer, taking account of the patient’s personal circumstances.” (ESTRO)

### Congresso Nacional ART 2017

Assente numa “estratégia concertada de interesse nacional para a promoção da ciência, da investigação, do desenvol-



vimento profissional contínuo e das competências do Radioterapeuta”, o Congresso Nacional ART (CNART) é um evento anual de enorme importância para a profissão, em constante processo de valorização. Fazendo uma retrospectiva da edição do CNART2017, que decorreu em Lisboa, entre 10 e 12 de novembro, Filipe Cidade de Moura salienta que se pretendeu “agregar, disseminar e elevar os melhores padrões e práticas nacionais e internacionais”, à medida que “foram explorados e debatidos desde temas mais atuais, até aos mais controversos em Radioncologia”.

Contando com a presença de mais de 200 participantes, o Congresso traduziu-se num verdadeiro “palco para momentos únicos de reflexão e partilha”, acerca de temáticas como o tratamento e a prestação de cuidados ao doente oncológico. De facto, “a dimensão humana faz parte da nossa atividade e, como tal, faz todo o sentido que possamos dar a voz a quem precisa e acredita em nós”, afirma o nosso interlocutor, numa referência a uma das mais importantes inovações do Congresso Nacional: a decisão de incluir o testemunho de um doente oncológico, no contexto de mesa redonda, sobre “O Papel do Radioterapeuta na Sociedade”, onde foram abordados tópicos sensíveis sobre “viver com a doença”. Refere ainda o Especialista que, para além de toda a componente

tecnológica e científica, “a ART quer fazer parte da solução de apoio e suporte aos doentes que nos procuram e a todas as Associações que pretendem conosco colaborar, com vista à melhoria substancial da qualidade de vida” do doente oncológico e seus cuidadores, formais ou informais.

Juntando a colaboração de especialistas e investigadores oriundos das mais diversas geografias europeias, o evento demarcou-se também pela realização de dois Cursos Avançados Pré-Congresso que, em conjunto com o Programa Principal do CNART2017, culminaram num total de 45 comunicações científicas, intensificando-se dessa forma o sucesso de um acontecimento anual que permitiu, inclusivamente, “reforçar a presença dos Radioterapeutas Nacionais, que estão cada vez mais empenhados e motivados para a progressão científica, a regulamentação profissional pelo processo Ordem, num conjunto de 15 Associações Profissionais que compõem o FÓRUM das Tecnologias da Saúde e a rápida implementação da carreira de “Técnico Superior de Diagnóstico e Terapêutica”, recentemente publicada em decreto-lei.

Sempre com as máximas de que *Seguimos Juntos* “Pela excelência da Profissão”, finaliza o Radioterapeuta Filipe Cidade de Moura.

